

RESUMO - GT3 - CORPOS NOS/DOS ESPAÇOS: EDUCAÇÃO E
CULTURAS

CORPOS DISSIDENTES FEITOS DE FISSURA QUE ENFEITIÇAM A NORMA

Jonathan Machado Domingues (jonathandomingues18@gmail.com)

Há feridas que não pedem cura, mas leitura. E há corpos que carregam, na pele e na memória, o mapa secreto de um mundo que tentou negar-lhes o direito de existir. A noção de Chaga Ontológica emerge desse terreno: não como metáfora de dor, mas como marca fundante deixada pela norma quando exige silêncio para permanecer inteira. A chaga funciona como trilha, encruzilhada e aviso. Ela revela o modo como a ordem social fabrica corpos desalojados, educados na arte da contenção, moldados para caminhar entre sombras, sempre à margem da história narrada como oficial. Essa ferida não nasce de episódios isolados, mas de uma trama que atravessa família, escola e cultura. São espaços que produzem pedagogias de normatização, impondo gestos, futuros imagináveis e linguagens permitidas. Nos interstícios dessas instituições, a ausência de espelho e a falta de nome operam como feitiço cotidiano: ensinam que existir, para alguns corpos, é sempre um exercício condicionado, uma prova silenciosa de sobrevivência. Nesse cenário, o chamado Armário Psicossocial surge como o cômodo estreito onde a contradição é guardada. Trata-se de um espaço de clausura simbólica que exige a fragmentação do sujeito, produzindo vidas cindidas entre o que pode aparecer e o que deve se esconder. O tributo pago à norma é alto: silêncio, vigilância, autopoda. Ainda assim, no interior dessa contenção, a chaga pulsa e insiste, irradiando saberes que a própria violência tenta conter. É nesse ponto

que a leitura afro-diaspórica oferece deslocamento. A figura de Omolu, senhor da palha e da cura que não apaga a marca, ensina outra compreensão da ferida: a chaga não é falha, mas memória potente. A palha que cobre protege; a cicatriz que permanece guarda um axé que desafia o enquadramento colonial e normativo. A ferida torna-se arquivo de resistência, insígnia de mundos possíveis e denúncia viva das ficções de pureza que estruturam a exclusão. A reflexão aponta, portanto, para os modos como corpos dissidentes revelam fissuras da ordem e, ao fazê-lo, abrem veredas de reencantamento dos espaços que os feriram. Família, escola e cultura podem ser redesenhadas quando atravessadas pela potência desses corpos que carregam a memória da contradição e a ousadia de reinvenção. A Chaga Ontológica, nesse horizonte, deixa de representar destino trágico e passa a operar como força insurgente, fundamento para imaginários nos quais a presença dissidente não é desvio, mas princípio de justiça e multiplicidade.

Palavras-chave: epistemologias do corpo; dispositivos normativos; subjetividades feridas; arquiteturas da exclusão; pedagogias implícitas.